

# 1ª SEMANA DE ESTUDOS ASIÁTICOS



13-17 de Maio

PROGRAMAÇÃO  
COMPLETA

## ABERTURA

### 13 de maio

Local: UERJ – Maracanã, auditório 113(11º andar, Bloco F)  
Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro - RJ

#### **17h:30 – Inscrições**

#### **18h – Abertura Oficial**

Afonso de Albuquerque (UFF)

André Bueno (UERJ)

Célia Cristina da Silva Tavares (UERJ - FFP)

Cláudio Pinheiro (UFRJ, SEPHIS)

Patricia Souza de Faria (UFRRJ)

### 14 de maio

Local: UERJ – Maracanã, auditório 113(11º andar, Bloco F)  
Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro – RJ

**16h -18h:** Exibição da reportagem: *Da terra do sol nascente ao país tropical: 110 anos da imigração japonesa no Brasil.*

**Mesa 1 – Luz, câmera, e gravando: um debate acerca dos nipo-brasileiros**

**Moderador:** Mateus Nascimento (CEA, Asian Club e GEHJA-UFF)

### **A IDENTIDADE NACIONAL EM DISPUTA: TIZUKA YAMASAKI E A MILITÂNCIA ÉTNICA**

Hugo Katsuo

Coletivo Kbeça d' Nega

Resumo: A apresentação intitulada A Identidade Nacional em Disputa: Tizuka Yamasaki e a militância étnica tem como objetivo pensar, a partir dos dois filmes Gaijin, dirigidos pela cineasta nipo-brasileira Tizuka Yamasaki, a imigração japonesa, pautando, sobretudo, questões pertinentes à atual militância asiático-brasileira: a identidade nacional, o estrangeirismo, a preservação da memória, o silêncio da historiografia brasileira em torno do racismo anti-nipônico, os estereótipos raciais e a leitura racial de indivíduos amarelos no Brasil.

### **UMA ANÁLISE SOBRE A REPORTAGEM ESPECIAL “DA TERRA DO SOL NASCENTE AO PAÍS TROPICAL: 110 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL”**

Germana Tavares

UNESA

Resumo: A reportagem especial faz uma leitura histórica da trajetória da imigração japonesa no nosso país, apresentando os momentos mais marcantes do povo nipônico e



seu legado para a construção da sociedade brasileira. Hoje o Brasil abriga a maior comunidade japonesa fora do Japão, reflexo do forte elo de amizade entre as duas nações. Conhecer como foi a entrada dos primeiros japoneses no Brasil é importante para aprender sobre a nossa própria história, pois esse povo foi fundamental para o desenvolvimento do nosso país. A pesquisa para realização desse projeto revela a força e a resistência dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, que passou por muitas dificuldades, mas com muitos esforços, construíram sua história em um país tão distante e diferente do Japão. E que apesar dessa trajetória difícil, os japoneses que aqui permaneceram, lutaram incessantemente para consolidar sua permanência e adotaram o Brasil como sua verdadeira pátria. Criaram possibilidades de crescimento, principalmente no meio rural. Trabalharam na construção do desenvolvimento e modernização da agricultura do país, fomentando a economia com a vinda de grandes empresas japonesas em diversos setores como a indústria automobilística e de eletrônicos. A reportagem mostra, também, a diversidade da cultura japonesa, que vai muito além da culinária, tão difundida no Brasil, como em muitos países do mundo, contribuindo para a pluralidade do nosso povo.

**18h – 20h: Mesa 2 – O audiovisual asiático e o Brasil**  
**Moderadora:** Maria Clara Carvalho Vigorito Silva (UFRJ)

## **A TELEVISÃO SUL-COREANA NO CONTEXTO GLOBAL DE HOJE**

Daniela Mazur

Asian Club/Série Clube/ PPGCOM-UFF

Resumo: Em meio aos atuais fluxos globalizantes, novos polos de produção televisiva conquistam espaço no mercado audiovisual e o interesse de telespectadores internacionais. Um desses casos é o da Coreia do Sul, que hoje exporta dramas de TV e reality shows para diversos países do mundo, conquistando audiências em países distantes tanto geograficamente, quanto culturalmente. Partindo de uma perspectiva desocidentalizante, propomos a discussão sobre a forma de se produzir e pensar televisão no atual contexto multipolar e periférico do cenário internacional, com foco no exemplo sul-coreano, considerando questões intrínsecas a essa indústria e seus fluxos de circulação regionais e globais.

## **O CONTRAFLUXO MIDIÁTICO DAS PRODUÇÕES TELEVISIVAS “ASIÁTICAS” NA NETFLIX BRASIL**

Krystal Urbano

Asian Club/IACS/ Doutora PPGCOM-UFF

Resumo: Partindo de uma perspectiva desocidentalizante no que tange a investigação dos fluxos da cultura audiovisual que se verificam em âmbito global, a apresentação pretende explorar algumas questões acerca do relacionamento que se estabelece entre os públicos brasileiros e as produções televisivas asiáticas – desenhos animados, séries de TV, documentários, *realitys* e *talk shows* - no ambiente da Netflix Brasil. Busca-se dessa maneira, por um lado, refletir sobre a importância das chamadas antigas e novas

mídias na distribuição e consumo dessas produções para além do seu contexto local/regional; e por outro, contribuir para ampliar os horizontes da investigação acerca do levante de pólos “periféricos” de produção televisiva em meio aos fluxos globais.

## **AFETAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA (DA ÁSIA) NO CONSUMO DE SAMURAI X**

Mateus Nascimento  
CEA/Asian Club/ GEHJA-UFF

Resumo: Como visualizar a materialidade das trocas culturais num fluxo global cada vez mais voltado para a virtualidade? Como refletir sobre os processos de construção de subjetividades e identificações para além da conceituação tradicional “identidade”, deslizando das matrizes clássicas de sua operação (sobretudo aquelas que a vinculam a territorialidade e a questão nacional)? Tomando por base as reflexões da antropologia latino-americana sobre o consumo e da desterritorialização da identidade na contemporaneidade, a proposta dessa comunicação é problematizar o tema *afetação* a partir do estudo das influências da cultura pop japonesa (sobretudo, os casos do anime e do mangá) na formação de um imaginário individual e/ou coletivo sobre o Japão nas mentes brasileiras. Para tal objetivo, iremos discutir a(s) prática(s) de consumo a partir de alguns eixos estruturantes: (a) tomando a cultura como identidade, mas também como identificação com algo de perto ou de longe (ecoando o quadro conceitual da teoria da história cultura francesa no que diga respeito aos processos de “apropriação” por parte dos indivíduos); (b) analisando o consumo como um circuito, que afeta a visão de mundo do consumidor, sendo este produto consumido portador de um valor social (Appadurai, 2008) no cenário da globalização contemporânea, fortemente demarcado pela desterritorialização da identidade (Canclini, 1997); e (c) apontando como o pop japonês possui um testemunho, um apelo, capaz de mobilizar fascínio e gerar análise crítica, que, juntos, impactam o indivíduo na sua construção e representação do mundo - tornando-se, no limite, uma imagem canônica das juventudes (naquele uso desta palavra que não denote simplesmente seu caráter de definição da faixa etária) brasileiras para além de uma questão geracional.

## **DO COOL JAPAN À KOREAN WAVE: O CONSUMO DOS DRAMAS DE TELEVISÃO NO BRASIL**

Mayara Araújo  
Asian Club/IACS/ PPGCOM-UFF

Resumo: Durante a década de 1990, o Brasil vivenciou o "boom" das animações japonesas. Inicialmente através da televisão e, logo em seguida, por conta de um circuito informal, feito na base de fã para fã, que se formava, no intuito de ampliar o catálogo de consumo dessas produções, bem como acompanhar, quase que simultaneamente, a exibição no Japão. A partir desse contato inicial com o Cool Japan, os fãs logo ampliaram o repertório de seu consumo, partindo para os dramas de televisão. Originados no Japão, drama de TV é um formato televisivo compartilhado por países do Extremo Oriente, que não tardaram a conquistar bases de fãs em países da América Latina, como retrata o caso brasileiro. No entanto, na virada do século, um

novo jogador emerge em campo, disputando a hegemonia japonesa no que diz respeito a esse conteúdo televisivo. A Coreia do Sul, aproveitando-se da Onda Coreana, se tornou o principal representante do formato drama de TV no Brasil, a partir de seus K-dramas. Nesse sentido, a presente proposta visa abarcar as formas de consumo das produções televisivas japonesas e sul-coreanas em território brasileiro, fruto da pesquisa que originou uma dissertação de mestrado na área da Comunicação.

## **15 de maio**

Local: UERJ – Maracanã, auditório 113(11º andar, Bloco F)  
Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro - RJ

### **16h -18h: Mesa 2 – China: passado e presente**

**Moderador:** Kamila Czepula (Doutoranda PPHR-UFRRJ)

## **O TRABALHO DO INSTITUTO CONFUCIUS NO BRASIL E NO MUNDO**

Ana Qiao Jianzhen

Diretora Chinesa do Instituto Confúcio PUC-RIO

O primeiro Instituto Confúcio (IC) foi criado na Coréia do Sul no ano de 2004. Nos últimos 15 anos, o IC vem se desenvolvendo muito rapidamente. Até o final de 2018, existem 548 ICs e 1193 Confucius Classroom (CC) em 156 países. Na América Latina, o primeiro IC foi fundado no México em 2006 e agora existem 40 ICs e 13 CCs em 21 países. No Brasil, o IC UNESP inaugurado em 2018 é o primeiro IC e agora existem 10 ICs e 5 CCs, sendo o CC UFF o único independente nas universidades.

O principal objetivo do IC é ensinar a língua e a cultura chinesas. Não só temos aulas em universidades como cursos seletivos, mas também oferecemos cursos para toda a comunidade no Brasil, cursos em escolas de ensino médio como o Colégio Estadual Intercultural Brasil-China. Além de ensinar, os ICs também têm atividades culturais. Entre eles estão a delegação de Educadores à China, incluindo a delegação dos Secretários, a Delegação dos Reitores Brasileiros na China, a ponte Chinesa para os Alunos da Escola Secundária Brasileira e os estudantes universitários; Dia da China, China Week; Seminários e Acampamento de verão de futebol, formado por alunos do ensino médio bilíngües; Acampamento de Verão de estudantes universitários, e outro por descendentes de chineses etc. Tudo isso contribui muito para o intercâmbio cultural entre Brasil e China e a difusão da língua e cultura da China no Brasil e a localização do IC, por sua vez, ajuda os brasileiros no desenvolvimento geral do IC no Brasil. Também participamos da Bienal do Rio, do RIO2C e de outras atividades culturais locais. A organização de Conferências Acadêmicas Internacionais faz parte do trabalho de ICs. Todas essas atividades atraem grande atenção do público e da mídia chinesa e brasileira. A tradução e a compilação de materiais de ensino e a publicação de livros também fazem parte do trabalho dos ICs. Terminamos a reedição e tradução de LEARN CHINESE WITH ME nível 2 a 4. Terminamos o projeto de “Contando Histórias China-América Latina - a parte brasileira”; ajudamos na tradução mútua da China e de obras clássicas latino-americanas organizadas pelo Ministério da Cultura da China. E agora estamos iniciando nossa cooperação com a Commercial Publishing Press para traduzir o Dicionário XINHUA para o português enquanto traduzimos “O chinês no Brasil”

proposto por uma imprensa brasileira. Encerramos o artigo dos “Institutos Confúcio nos Países de Língua Portuguesa” para o livro “Blueprint for Portuguese Spoken Countries”. O IC UNESP ajudou a publicar vários clássicos da literatura chinesa no Brasil, como o Os Analectos.

## **A CHINA NUMA VISÃO BRASILEIRA**

Severino Cabral

Professor Dr. do Instituto Brasileiro de Estudos de China Ásia-Pacífico/ESG

Resumo: Desde o ano de 1983, o Brasil e a China mantêm uma parceria estratégica, que tem pautado o engajamento de ambos os países na grande mudança operada no sistema internacional com a emergência das megapotências do século XXI.

As grandes mudanças que se introduziram no mundo do pós- guerra fria e transformaram o ambiente internacional logo permitiriam que o diálogo estratégico sino-brasileiro elevasse a parceria estratégica entre os dois gigantes do mundo em desenvolvimento à dimensão global. como consequência, a operacionalização dessa grande manobra deu lugar, em 2004, à criação da comissão sino-brasileira de alto nível de concertação e cooperação (cosban), e, na sequência, a elaboração do “plano de ação conjunta para os anos 2010-2014”, que logo seria ampliado como “plano decenal de cooperação 2012-2021” .

A crise financeira global determinou o aparecimento de macro tendências que acentuam aspectos do novo ambiente internacional que pode ser designado como o surgimento de uma nova mundialidade. Entre elas a ameaça de fragmentação dos ecúmenos estatais, obrigando a uma reversão crítica de políticas de estado, tendo em vista a resposta de cada unidade nacional ao aumento do caos global.

A exposição se deterá, pois, na avaliação de 1) aspectos centrais da relação brasileiro-chinesa; 2) na visualização da conjuntura internacional marcada pela emergência da china como megapotência; 3) no exame da reação norte americana na era Trump, na tentativa de conter o desenvolvimento da economia da nova mundialidade.

## **QUANDO APRENDER SOBRE A CHINA AJUDA A ENTENDER O BRASIL – FILANTROPIA E FORMAÇÃO DE ELITES CIENTÍFICAS EM PERSPECTIVA GLOBAL E COMPARADA: A FUNDAÇÃO ROCKEFELLER E O TREINAMENTO DE QUADROS TÉCNICOS PARA O ESTADO, NA CHINA E NO BRASIL, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Flávio Madureira Heinz

Professor Dr. DHRI-UFRRJ

Ao longo da primeira metade do século XIX, a Fundação Rockefeller (FR) financiou atividades de promoção de saúde pública em diferentes países do mundo. Brasil e China foram objeto de especial atenção da Fundação, seja através do Programa de bolsas (Fellowship Program) da sua Divisão Internacional de Saúde (IHD), para o caso brasileiro, seja através do China Medical Board (criado em 1914 e encerrado em 1949, quando da fundação da RPC), uma das primeiras divisões da Fundação. A FR patrocinou o treinamento de quadros científicos que deveriam posteriormente ser absorvidos por estruturas públicas de seus países de origem. Assim, por exemplo, o



Fellowship Program, do qual participaram quase quinhentos bolsistas brasileiros, em diferentes áreas, mas sobretudo saúde pública (na qual se formam médicos, engenheiros sanitários e enfermeiras) e agricultura (formação de agrônomos e veterinários), previa, através de acordos com autoridades regionais ou nacionais brasileiras, a reinserção dos bolsistas em cargos diretivos após o período de treinamento nos EUA e Canadá. A idéia é comparar os perfis sociais de bolsistas da Fundação do Fellowship Program do IHD e do China Medical Board, estabelecidos através de uma análise prosopográfica. Esta proposta é uma extensão do projeto “Politics of Science: The Rockefeller Foundation fellowship program and the emergency of scientific elite for the peripheral world”, desenvolvido em parceria com a pesquisadora Ana Paula Korndörfer (UNISINOS), e propõe-se a realizar uma prosopografia de aproximadamente 9500 bolsistas, oriundos de dezenas de países, entre os quais 5% vinculados ao Brasil, e cujos nomes compõem o Directory of Fellowships and Scholarships (1917-1970) da FR.

Em termos gerais, essa proposta busca responder, nos marcos de uma história social do das profissões técnicas e científicas e, mais amplamente, de uma história social de elites, aos seguintes questionamentos: (1) há semelhanças no recrutamento de elites científicas do Estado (no caso médicos e pessoal envolvido em ações de saúde pública) no Brasil e na China? (2) Brasil e China testemunharam nesse processo a tentativa de formação de elites científicas globais, uma vez que as iniciativas da FR sugerem um padrão de formação unificada de seus bolsistas? (3) Quais especificidades do processo e as expectativas institucionais da FR em relação à China, uma vez que o país recebeu especial atenção da Fundação na formação de quadros científicos através da criação do China Medical Board?

## **NUTRINDO A VITALIDADE QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A RACIONALIDADE MÉDICA CHINESA E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO CULTURAL**

Eduardo Amaral de Souza  
Doutor IMS-UERJ

Neste trabalho apreendemos e analisamos as concepções, valores e pressupostos que estruturam a proposta terapêutica da Medicina Clássica Chinesa, enfatizando os aspectos e concepções que constituem um modelo de prevenção e promoção de saúde (Yǎng Shēng 養生), reintegrando as concepções modificadas ou excluídas dentro de seu contexto original.

Assumindo que durante seu período de formação na dinastia HAN 漢 (206 B.C. - 220 A.D.) a Medicina Clássica Chinesa era um corpo de conhecimento interligado aos saberes e práticas Daoístas, efetuamos a apreensão e análise das concepções inseridas no contexto do modelo cosmológico Daoísta que constituiu os fundamentos para o desenvolvimento dos saberes médicos nesta época.

A partir deste modelo analisamos as dificuldades para a aculturação da Medicina Chinesa no Brasil, a partir do referencial epistemológico, filosófico e histórico.

**18h – 20h: Mesa 4 – Outros olhares sobre a China**

**Moderadora:** Kamila Czepula (Doutoranda PPHR-UFRRJ)

## **“SOCIALISMO DE MERCADO”: UMA NOVA FORMAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL. UM MODO DE PRODUÇÃO COMPLEXO**

Marco Khalil Jabbour  
Professor Dr. PPGCE-UERJ

Resumo: O objetivo desta conferência será demonstrar que o crescimento do setor estatal na economia chinesa, acelerado desde 2009, abre condições para a possibilidade de o “modelo chinês” se tratar de algo que vai se distanciando – historicamente – de um modelo típico de “capitalismo de Estado”, e mais longe ainda de ser um “capitalismo liberal”. Diante de uma gama de evidências afirmamos que o “socialismo de mercado” já pode ser classificado como uma *nova formação econômico-social* que tem na *complexidade* seu principal atributo, pois implica se tratar de uma formação marcada pela convivência de diferentes *estruturas/formações sociais*. É nesta *nova formação econômico-social* que se assenta o “socialismo de mercado” como um *modo de produção complexo*. Por não se tratar de um *modo de produção puro*, o “socialismo de mercado” deve ser tratado como um fenômeno regido por combinações entre diferentes *modos e relações de produção*. Classificar e expor as lógicas que regem o desenvolvimento do “socialismo de mercado” será objeto de análise neste trabalho.

## **SINOLOGIA E ORIENTALISMO NO BRASIL**

André Bueno  
Professor Dr. PPGH-UERJ

Resumo: A construção de uma sinologia no Brasil é perpassada, inevitavelmente, pelas visões orientalistas herdadas do século 19. O orientalismo brasileiro, porém, foi construído a partir de perspectivas próprias, derivadas uma visão cultural diretamente ligada a formação da identidade nacional. Com base nisso, as construções e estratégias sinológicas brasileiras tem sido as mais diversas, caracterizando uma série de experiências que precisam ser analisadas. Assim, discutiremos nessa comunicação os contornos da problemática relação entre orientalismo e sinologia no Brasil, e os possíveis desdobramentos dessa questão para a construção de um campo acadêmico sínico.

## **“O DRAGÃO E O CAPITÃO: AS RELAÇÕES SINO-BRASILEIRAS EM TEMPOS DE CÓLERA”**

Maurício Santoro Rocha  
Professor Dr. PPGRI-UERJ

Resumo: A China é há 10 anos o principal parceiro comercial do Brasil e um investidor substancial no país, sobretudo em agricultura, energia e mineração. Jair Bolsonaro é o 1o presidente brasileiro nesse período eleito com um discurso hostil à China e desejo de reestabelecer uma relação preferencial com os Estados Unidos, em um contexto



global marcado pelo crescente conflito sino-americano. Este trabalho busca mapear as críticas do chefe de Estado do Brasil à China, classificando-as em três categorias: economia, segurança nacional, identidade cultural. Discuto seu impacto para a formulação da política externa, em meio a visões divergentes no governo, como a do agronegócio, que dão importância prioritária ao relacionamento com os chineses.

## **16 de maio**

Local: UERJ – Maracanã, auditório 113(11º andar, Bloco F)  
Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro - RJ

### **16h -18h: Mesa 5 – Índia: desafios de pesquisa**

**Moderadora:** Maria Clara Carvalho Vigorito Silva (UFRJ)

### **TRADUZINDO A TRADUÇÃO: A VOZ DE BHARATA INTERPRETADA POR ADYA RANGACHARYA AGORA NO BRASIL**

Janine Maria Mendonça Pimentel

Prof.<sup>a</sup> Dra. PIPGLA-UFRJ

Resumo: Natya Shastra é um texto muito antigo, originalmente escrito em sânscrito, sobre o teatro, o trabalho do ator, a produção de espetáculo e a dramaturgia clássica da Índia. Teve poucas traduções para o inglês na segunda metade do século XX e uma para o espanhol, em 2013. Por se tratar de um livro importante para a área das artes performáticas, docentes e discentes da Faculdade de Dança e da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro traduziram essa obra utilizando, como texto fonte, a tradução do sânscrito para o inglês realizada por Adya Rangacharya em 1984. Adya Rangacharya é um especialista da área da dramaturgia e da literatura em sânscrito e, por isso, enriqueceu a tradução que preparou com numerosas notas sobre conceitos mencionados na obra e sobre as dificuldades que sentiu durante esse trabalho. Nesta apresentação discutimos as principais decisões tomadas ao longo do projeto de tradução iniciado há dois anos e que se encontra na reta final. Entre outras questões, explicamos de que forma a nossa tradução dialoga com o trabalho de Adya Rangacharya, fornecemos exemplos de certos procedimentos de tradução (p.ex. melhorias, explicitações e omissões) que consideramos relevantes para que o futuro público-alvo brasileiro possa apreciar o texto, e refletimos sobre o processo de revisão e publicação deste trabalho. Apoiados em teorias da tradução que enfatizam o papel que os tradutores desempenham enquanto agentes culturais (Milton & Bandia 2009, Tymozko 2003) bem como em teorias que procuram desmistificar a qualidade das traduções indiretas (Dollerup 2000, Washbourne 2013, Rosa et al 2017), buscamos sublinhar a relação indissociável entre teoria e prática da tradução.

## **IDENTIDADE SIKH: OS DISCURSOS DA MÍDIA SOBRE O COLETIVO E OS PROBLEMAS DE CONCEITUALIZAÇÃO**

Lucia Ibarra

Mestra em Ciências Sociais – Universidade de Buenos Aires

Resumo: O tema de tese a elaborar é a identidade dos sikhs punjabis que moram na província de Salta, na Argentina. No início desse trabalho se apresentam dois problemas: a falta de bibliografia que tenha abordado a história deles e a difícil tarefa de nomeação e conceitualização deles. Por isso, esta apresentação se propõe na primeira seção analisar as representações deste grupo na mídia impressa desde o ano 2006 até 2018. Ali a identidade é estudada dentro dos eixos nacionalidade e religião, apontando também como o coletivo e valorizado de um jeito positivo ao invés do que acontece com outros coletivos de migrantes ou diásporas. Eles são apresentados como “bons migrantes” quem mantiveram a sua identidade e, ao mesmo tempo, se adaptaram com laboriosidade à sociedade receptora. Nesta seção o insumo é um trabalho já escrito para as Jornadas de Alternativas Religiosas no ano passado no Chile.

Numa segunda seção, se pretende pensar sobre os distintos conceitos e palavras utilizadas para se referir ao coletivo; tanto desde autores que estudaram os sikhs em outras partes do mundo quanto desde conversas informais com eles nas três visitas ao Gurdwara Nanaksar na cidade Rosario de la Frontera, em Salta em 2017 e 2018. Os conceitos de diáspora, comunidade de crentes e as diferenças entre os sexos serão trazidas a luz aqui.

A ideia de uma diáspora sikh já foi discutida e criticada pela socióloga Susana Devalle no início desse campo do estudo nos anos 80 fazendo uma grande contribuição. É assim que ela é trazida como uma guia dos resguardos metodológicos a ter em conta na hora de pesquisar sobre os sikhs. Nesse sentido serão úteis também as reflexões da Avtar Brah sobre a interseccionalidade e as diásporas. Ao mesmo tempo, a noção de um grupo que se constrói num fluxo entre os pólos argentino e índio ou salteño e punjabi continua sendo relevante para os atores envolvidos. Frases como “sou mais argentina do que índia” ou “não somos índios” foram escutadas no trabalho do campo. É por isso que se tentará concluir com chaves que possam ajudar com a abordagem conceitual neste início da pesquisa.

## **FILOGENIA DA DANÇA CLÁSSICA INDIANA E SEUS ATRAVESSAMENTOS**

Thaís Coelho dos Santos

Teoria da Dança/Pesquisadora Museu Nacional-UFRJ

A pesquisa Análise Filogenética das Danças Clássicas Indianas e seus atravessamentos, foi iniciada em março de 2018 numa parceria entre o prof. Sergio de Azevedo (DGP – Museu Nacional UFRJ) e a aluna Thaís Martins (Teoria da Dança - Departamento de Arte Corporal UFRJ). A pesquisa tem como objetivos o desenvolvimento de uma Análise Filogenética das relações entre as oito Danças Clássicas Indianas (Bharathanatyam, Kuchipudi, Mohiniyattam, Kathakali, Odissi, Manipuri, Kathak e Sattriya), a criação de uma sequência coreográfica e mapeamento 3D da mesma, criando um vídeo performance a partir do estudo dos 108 Karanas presente no codex das artes

performáticas indiana Natya Shastra. A análise será realizada através da depuração e transformação em caracteres das 108 poses básicas contidos no “Natya Shastra”, utilizando a Labanotation como ferramenta, quantificação e polarização dos caracteres e análise filogenética através da geração de “cladogramas” com o auxílio de um software específico de estudos filogenéticos (TNT). Para a sequência coreográfica utilizaremos os Parâmetros da Dança de Helenita Sá Earp, estudados nos cursos de graduação em Dança da UFRJ. Nesse estudo apresentamos um diálogo transdisciplinar entre diversas áreas de conhecimentos, tais como Dança, História, Arqueologia, Biologia e Tecnologia buscando contribuir para o enriquecimento do estudo da cultura Indiana no país. A pesquisa conta com a colaboração do prof. Marcus Vinicius Machado (DAC – Departamento de Arte Corporal UFRJ), o DVEDI/Instituto Nacional de Tecnologia, PUC-RJ na figura do pesquisador Jorge Roberto Lopes dos Santos e bolsa PIBIC da PR1 UFRJ.

## **18h – 20h: Mesa 6 – Novos horizontes para Índia**

**Moderadora:** Edylene Daniel Severiano (Pesquisadora IDEIA-ECO-UFRJ/Editora Desalinho Publicações)

### **O EIXO CIVILIZATÓRIO DO SUBCONTINENTE INDIANO: SENTIDOS, SABERES E PRÁTICAS**

Dilip Loundo

Professor Dr. PPCIR-UFJF

Resumo: O estudo da Índia demanda, como condição apriorística, uma imersão nas especificidades de um eixo civilizatório que é matriz estruturante de uma pluralidade de culturas, que se expressam em outras tantas narrativas de produção e reprodução de sentidos, saberes e práticas. Com isso, muito mais do que um mero objeto de estudo, a Índia desponta como um sujeito interlocutor, conformador de modalidades cognitivas que lhe são próprias. Adentrar o eixo civilizatório do subcontinente indiano exige, portanto, da parte do investigador, uma disposição suspensiva de juízos e pré-conceitos, um abandono da alteridade “confortável” do exotismo e uma entrega ao “desconforto” da ruptura epistemológica. É nesse contexto que faremos, a título de ilustração, um percurso crítico pela singularidade de alguns de seus princípios constitutivos, que ostentam, à luz do olhar eurocentrado, um misto de paradoxo e perplexidade: (i) uma pluriglossia linguística que é agente ordenador, e não perturbador, da experiência de unidade de sentido; (ii) a ideia de “comunidade” como território aquém do público e além do privado; (iii) narrativas comunitárias enquanto “ficções reais” e eficazes, e dialogias entre histórias conectadas; (iv) uma pluralidade imagética e hermenêutica enquanto veículo de realização da unicidade do Real e antídoto do relativismo; (v) Deus como conceito-limite e fundamento instaurador de um “teísmo monista”; (vi) e um pensar analítico como “razão soteriológica”.

## **PLURALIDADE DE DISCURSOS E LEITURAS NAS CONSTRUÇÕES DE ÍNDIA**

Cecilia Bastos

Pesquisadora no pós-doutorado Museu Nacional-UFRJ

Resumo: Análise narrativas difundidas sobre a Índia, tanto através da mídia quanto oralmente, a partir da concepção do discurso como construção social. A fim de compreender como as representações em torno da Índia são socialmente construídas, investigo, além dos discursos de informantes entrevistados para a pesquisa, os apresentados em diversas fontes que promovem viagens à Índia (*sites*, blogs, jornais e revistas de turismo, artigos, livros e guias de viagens). Ênfase que o que se leu ou ouviu antes da viagem influencia as experiências futuras, que continuam sendo relatadas, o que faz com que o processo seja cíclico e contínuo. Entendo a narrativa e as ocorrências reais como entrelaçadas, o que leva a uma forte variedade de construção social de ambas. E também que nenhum lugar é turístico ou religioso por si, mas que há uma construção feita a partir de discursos sobre ele. Tratarei portanto de uma representação de Índia generalizada, englobada pela ideia da espiritualidade – apesar de suas muitas traduções.

## **OLHARES SOBRE À ÍNDIA A PARTIR DO BRASIL: HISTORIOGRAFIA, QUESTÕES, FONTES E RECORTES**

Bruna Soalheiro

Prof.<sup>a</sup> Dra. PPGH-UERJ

Resumo: A Índia, enquanto objeto da História, está há muito presente no universo de temas estudados no Brasil. A título de exemplo, gostaríamos de pontuar uma tese, desenvolvida sob orientação de Sérgio Buarque de Holanda, no final dos anos 60. Publicada em 1968, com o título de “A Bahia e a Carreira da Índia”, esta obra de José Roberto do Amaral Lapa procura demonstrar a importância que o porto de Salvador, na Bahia, teve para a Carreira da Índia. Para ele, a importância deste porto não diz apenas da conexão entre colônia e metrópole, mas fundamentalmente das trocas – comerciais e humanas – entre os espaços coloniais. Não se trata apenas de uma ligação umbilical com a metrópole, mas com as demais partes do Portugal ultramarino.

Décadas separam as propostas de Amaral Lapa da renovação historiográfica brasileira do final da década de 1990 e início dos anos 2000, período no qual podemos identificar um incremento nas investigações sobre a Índia no período moderno. Mais uma vez, como exemplo, podemos citar três teses defendidas entre os anos de 2002 e 2008: a tese de Andrea Dore “Império Sitiado: as fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622)”, defendida em 2002; a de Celia Tavares, “A cristandade insular: jesuítas e inquisidores em Goa (1540-1682)” defendida no mesmo ano; e a de Patrícia Faria “A conversão das almas do Oriente: franciscanos, poder e catolicismo em Goa (séculos XVI e XVII)”, defendida em 2008.

Esta conferência tem como objetivo, portanto, apresentar um breve panorama dos estudos sobre a Índia desenvolvidos a partir do Brasil na área de História Moderna nas últimas décadas. Em especial, buscaremos indicar um ponto de inflexão historiográfica, localizado no final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando, supomos, a Índia

começa a ser elaborada como objeto da historiografia portuguesa a partir das questões que surgem na historiografia colonial brasileira. Não obstante, pretende-se ainda, apoiados na trajetória historiográfica previamente apresentada, apontar algumas possibilidades para futuras pesquisas sobre a Índia, em especial em História Moderna.

## 17 de maio

Local: UERJ – Maracanã, auditório 113(11º andar, Bloco F)  
Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro - RJ

### **15h -17h: Mesa 7 – Laboratório de visões da Ásia: abordagens e desafios**

**Moderadora:** Andressa de Sousa Braz (UFRJ)

### **ASIÁTICOS ESCRAVIZADOS EM LISBOA NO SÉCULO XVII: ORIGENS, ASPIRAÇÕES E RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Carlos Torres e Fernanda Fernandes  
UFRRJ

Resumo: Este projeto tem suas linhas mais gerais voltada para questões que relacionam Ásia e Lisboa, procurando apresentar como a rede de comunicação construída por Portugal no oriente, mais conhecida como Império Asiático Português, permitiu que através da rota da *Carreira da Índia*, fossem trazidos para Lisboa asiáticos na condição de escravos e que ao chegarem ao ocidente adquiriram relações de sociabilidade.

Desta forma, mostrar que há uma considerável presença de populações asiáticas em Lisboa e que o tráfico de escravos do pacífico possuía características próprias, ao passo que esses escravos fixados em Lisboa passaram por um processo de transformação de seu cotidiano pois eram oriundos de diversos locais que compreendiam as Índias daquele período. O motivo da escolha do século XVII como recorte temporal para este projeto está em serem encontrados um maior número de informações a respeito do tema, sendo o período em que houve um intenso fluxo de transporte de pessoas de origem asiáticas como escravas para Lisboa.

É importante destacar e compreender a comunicação existente entre a população originária do continente asiático e o ocidente, mais precisamente Lisboa. O objetivo é perceber que o oriente não se encontra isolado do restante do mundo e que a interação entre ambos os continentes, permitida pelas redes de comércio, neste caso entre portuguesas e as Índias orientais, teve suma importância na possibilidade dessa interação. Em suma, a Lisboa de tal período era estruturada a partir das redes de sociabilidade, não havendouma drástica separação da vida de escravizados e do restante da sociedade.

Um dos objetivos da pesquisa trata de analisar como viviam os escravos, suas relações interpessoais e aspirações, num contexto totalmente hostil. É interessante, em tal contexto, analisar o matrimônio entre escravos, para que se possa entender como funcionava a sociedade escravocrata em suas particularidades, além da relação entre senhores e escravos, observando situações verticais de poder. Alguns escravos, ao longo dos anos, estabeleceram redes de contato e relações em Goa, e então buscaram, por exemplo, o matrimônio, mas esbarravam numa série de problemas determinados pelas hierarquias, embora, dentro de várias condições e motivos políticos, a Igreja apoiasse tal

decisão.

Herdando a tradição romana, a política portuguesa concebia o casamento como “união consensual de um homem e de uma mulher, uma união monogâmica e indissolúvel, que implica uma comunidade de vida entre os esposos, que lhes assegura uma descendência legítima” (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2011: 360). Todavia, o direito romano não reconhecia escravos como pessoas, embora a Igreja defendesse o acesso ao matrimônio por parte de tal grupo, buscando a coexistência de uma sociedade escravista cristã, já que o matrimônio fazia parte da condição para que uma pessoa conseguisse alcançar a salvação da alma, inserido nos sete sacramentos da Igreja.

## **HERESIA, APOSTASIA E GENTILISMO NO CERNE DA ATUAÇÃO DOS AGENTES INQUISITORIAIS EM GOA**

Simone Barbosa  
FFP-UERJ

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar os avanços, no que diz respeito ao entendimento das atribuições dos agentes inquisitoriais, os naiques e os alcaides, dentro da estrutura de implantação e manutenção do Tribunal de Inquisição de Goa/Índia. O contato mais aprofundado com a documentação do Tribunal, somado as leituras feitas e os debates entre os colegas de pesquisa, sobre o entendimento da documentação, despertou o interesse sobre quais eram os critérios para condenações e absolvições pelo Tribunal Inquisitorial. Assim como a importância dos agentes acima citados e de suas respectivas castas, no cenário imensamente plural, daquelas partes da Índia, na qual foi implantado o Tribunal de Inquisição de Goa, este que configura enorme importância no projeto português de dominação daquelas partes da Ásia, tendo Goa, grande destaque, por ser considerada “a chave da Índia”. Para tal entendimento, este estudo se debruça em três conceitos estruturais: heresia, apostasia e gentilismo. – conceitos distintos entre si, porém usados no mesmo propósito – Será debatido a essência de cada conceito e sua importância dentro da estrutura inquisitorial goesa, estabelecendo diálogo entre os interesses portugueses e das castas que tiveram ação direta, no projeto de dominação portuguesa. Para tal, tem sido necessárias as indicações de leituras por parte da orientadora Célia Tavares, assim como a contribuição dos colegas envolvidos no projeto de implantação do banco de dados, que tem por objetivo tornar a documentação do Tribunal de Inquisição de Goa, de domínio público, para que temas que exijam aproximação com a documentação, contem com este mecanismo como suporte.

## **PROJETO PALEOGRÁFICO “TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO DE GOA: UM TRABALHO COM O ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL”**

Thiago Dutra  
FFP-UERJ

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar os primeiros passos e descobertas desenvolvidos na pesquisa paleográfica sobre os documentos originais referentes ao Tribunal do Santo Ofício de Goa, obtidos a partir do acervo de manuscritos digitalizados da Biblioteca Nacional. É de interesse da pesquisa evidenciar o estudo das

práticas inquisitoriais no Oriente Português. Neste sentido, ter cursado a disciplina Paleografia como instrumental teórico, ofertada no curso de graduação em História da Faculdade de Formação de Professores, em fase anterior ao projeto, serviu-me como introdução aos manuscritos dos séculos XVI ao XIX. Na disciplina em questão, fui orientado sobre regras e normas sobre uma transcrição paleográfica e os desafios que constituem um curso de paleografia. A prática de transcrição é uma tarefa desafiadora, pois utilizam-se variados formatos para representar a mesma letra ou distintos modos de escrever a língua portuguesa dependendo da datação do documento. O projeto tem por finalidade transcrever manuscritos e propor rumo levantamento dos sujeitos encontrados e uma pequena explicação de quem são, além de um breve resumo do texto trabalhado. Em seguida, a coleta é inserida em um banco de dados para facilitar a busca das palavras em documentos de tão dificultosa compreensão para um olhar não treinado ou familiarizado. Para conclusão, esta aventura de leitura e de transcrição dos textos é uma excelente oportunidade de contato dos graduandos com manuscritos e com que tem sido produzido pela historiografia acerca dos estudos asiáticos, o que se torna um grande estímulo na área.

## “OS DESAFIOS PARA ESTUDAR MACAU”

Luiz Felipe Bachur  
FFP-UERJ

Resumo: Portugal sendo um dos pioneiros no marco histórico que chamamos de “expansão marítima” pode se aventurar nas terras do extremo oriente. Com interesses comerciais e religiosas, os navegadores logo se prontificaram em se instalarem em diversos locais para assim pudessem alcançar seus objetivos, tendo sucessos em diversas localidades, através de inúmeros métodos que foram utilizados para garantirem sua presença em locais de interesse, que em sua maioria eram cidades portuárias, assim como Macau.

Macau foi um território de atividade predominante pesqueira, que se localiza no sudeste do território chinês, em meados do século XVI os portugueses se instalaram na localidade de forma ilegal. O governo chinês, sempre fora relutante com a presença de estrangeiros em suas terras, e isto não foi diferente para com os portugueses, tendo esta barreira o governo de Portugal passou a ter que desenvolver métodos para adentrar o território, que foi um ponto crucial para comércio com o extremo oriente, pois a cidade foi uma ponte tanto para relação sino- portuguesa quanto para a nipônica, tendo em vista o comércio de duas localidades para Portugal.

O nosso trabalho que iremos apresentar busca entender as peculiaridades da ocupação através da ação da companhia de Jesus e de material possivelmente existente no acervo da biblioteca nacional sobre a inquisição de Goa e os desafios que esse tema representa para os estudantes de uma graduação de história numa universidade brasileira.

**17h – 19h: Mesa 8 – Revistas, livros e o mercado editorial: um debate necessário.**  
**Moderadora:** Kamila Czepula (Doutoranda PPHR-UFRRJ)

## **O DISCURSO SOBRE A ÁSIA NO BRASIL (2013-2018): DA CURIOSIDADE À PESQUISA**

Andressa de Souza Braz e Laís Lysiene Marçal  
UFRJ

Resumo: Em seu momento fundacional nos anos 1950-60, os estudos brasileiros sobre Ásia e África produzidos no Brasil costumam apresentar uma trajetória paralela, inspirados por agendas da geopolítica global e por iniciativas de onde os dois campos aparecem interligados dentro de instituições acadêmicas como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO, 1959) e o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA, 1961). No entanto, é possível notar a partir dos anos 80 uma maior autonomia e predominância dos estudos sobre África no Brasil, marcada pela atuação simultânea de intelectuais e ativistas de movimentos sociais negros, inspirados pela ligação histórica com o continente africano e seus reflexos na sociedade brasileira.

Nesse quadro mais amplo, cabe refletir sobre os rumos tomados pelo campo de estudos asiáticos no Brasil e em qual estado se encontra, a fim de elucidar o cenário brasileiro e os diálogos intelectuais, de diplomacia político-cultural e das associações de descendentes estabelecidos entre Brasil e Ásia. Partindo de um levantamento bibliográfico realizado em 2018 no contexto da premiação do International Convention of Asia Scholars (ICAS), o presente trabalho se propõe a apresentar um breve panorama das publicações brasileiras sobre a temática de Ásia. Sem a pretensão de esgotar o assunto, propomos uma análise das teses, dissertações e livros produzidas em áreas diversas nas universidades brasileiras e pelo mercado editorial brasileiro entre os anos de 2013 e 2018, de forma a observar a produção do campo de estudos asiáticos no contexto brasileiro, assim como a representação imaginativa que há sobre a Ásia no mundo editorial, imaginando possíveis cenários para uma maior integração ao debate internacional, especialmente latino-americano.

Ademais, buscamos contribuir no aspecto metodológico ao ressaltar os mecanismos de pesquisa utilizados no processo de um levantamento bibliográfico, apresentando também algumas indicações de base de dados para o caso específico de Ásia.

## **O INTERESSE BRASILEIRO PELAS REALIDADES AFRICANA E ASIÁTICA NAS PÁGINAS DA REVISTA AFRO-ÁSIA (1965-1970)**

Bernardo Moraes Ferreira Reis  
UFRJ

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é analisar os cinco primeiros anos (1965-1970) de edição da revista Afro-Ásia, do Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO-UFBA). O CEAO, criado em 1959, foi o primeiro centro dedicado ao ensino, pesquisa e extensão relativo aos Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Asiáticos, primazia também observada em sua revista. Dessa forma, a Afro-Ásia constitui-se, no período analisado, como um espaço de diálogo e reflexão



sistemática sobre essas realidades, fator que a confere preeminência na proposição de contornos para os Estudos Africanos e Asiáticos no Brasil. O recorte operado diz respeito ao momento no qual Waldir Freitas de Oliveira ocupou a diretoria do CEAO e no qual a revista foi editada de forma ininterrupta.

## **CAMINHOS E PERCALÇOS – OS DESAFIOS NA PUBLICAÇÃO DE ESTUDOS ASIÁTICOS NO CONTEXTO FLUMINENSE**

Edylene Daniel Severiano

Pesquisadora IDEIA-ECO-UFRJ/Editora Desalinho Publicações

Acompanhando o intento de um desalinhar-se do mercado editorial, da Casa publicadora Desalinho, e guiados pelos pensamentos a respeito do *caminho*, o *Marga*, indiano, o *Tao/Dao*, chinês, e o *Dô*, japonês, criamos o Selo de Estudos Asiáticos, com foco nas sociedades do Leste Asiático e Índia, *CaminhoS*. Esta proposta de comunicação dedica-se, assim, a tecer um breve comentário acerca das motivações e experiências em editar produções acadêmicas e literárias, sob o escopo dos Estudos Asiáticos em uma editora independente no contexto Fluminense.

### **Comissão Organizadora**

André Bueno

Andressa de Sousa Braz

Célia Cristina da Silva Tavares

Cláudio Pinheiro

Edylene Daniel Severiano

Kamila Czepula

Laís Lysiene Marçal

Maria Clara Carvalho Vigorito Silva

Mateus Nascimento

Patricia Souza de Faria